

Papa Francisco e Medellín

Pope Francis and Medellín

Edelcio Serafim Ottaviani
PUC-SP, Brasil.

Resumo

Este artigo é fruto de um Workshop ministrado no V Simpósio de Teologia e Pastoral, promovido pela Editora Paulus, em comemoração aos 50 anos de Caminhada da Igreja Latino-americana. Ele relaciona o Papa Francisco à II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (Medellín), realizada de 26 de agosto a 6 de setembro de 1968. Apresenta o método de abordagem e as razões que fizeram o autor descartar as duas primeiras tentativas de análise: primeira, a das citações do Documento de Medellín (DM) na *Evangelii Gaudium* e na *Laudato Si*; e, segunda, a de citações do DM nas Conclusões da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, ocorrida em Aparecida (DAP). Descartadas as duas primeiras, a terceira tentativa, que trata da relação entre o papa Francisco e Medellín se mostra frutífera por meio da *Teología del Pueblo* (corrente da Teologia da Libertação aplicada na Argentina). Nela, se veem relacionadas as noções Povo de Deus - de inspiração conciliar e aplicada à realidade latino-americana -, a opção pelos Pobres, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a Colegialidade e a Piedade popular. Recuperadas em Aparecida, por meio de citações do Documento de Puebla e Santo Domingo, foram assumidas pelo Papa Francisco que as revivifica em suas práticas e em seus escritos.

Abstract

This article is a result of a Workshop presented at the V Theology and Pastoral Symposium, promoted by Editora Paulus, in celebration of the 50th anniversary of the Latin-American Church Trajectory. It relates Pope Francis to the II General Conference of the Latin American Episcopate (Medellín), which happened from August 26th to September 6th, 1968. It presents the method of approach and the reasons that made the author rule out the two first attempts of analyses: first, the one of the quotations from the Medellín Document (MD) in the *Evangelii Gaudium* and in the *Laudato Si*; and, the second, the one of quotations from MD in the Conclusions of the V General Conference of the Latin-American and Caribbean Episcopate, which took place in Aparecida (ApD). The two first attempts having been discarded, the third one, which deals with the relationship between Pope Francis and Medellín, should itself be fruitful by means of the *Teología del Pueblo* (a trend of the Freedom Theology applied in Argentina). In it the notions of People of God - of Conciliar Inspiration and applied to the Latin American Reality -, the option for the poor, the Ecclesiastic Communities of Base (ECB), the Collegiate and the popular piety can be seen related. Restored in Aparecida, through quotations from the Puebla and Santo Domingo Documents, they were assumed by Pope Francis, who revives them in his practices and his writings.

Palavras-chave

Medellín.
Papa Francisco.
Opção pelos pobres.
Piedade popular.
Teología del Pueblo.

Keywords

Medellín.
Pope Francis.
The option for the
poor people.
Piety popular.
Teología del Pueblo.

Introdução

Este artigo é fruto da preparação de um *Workshop* ministrado no V Simpósio de Teologia e Pastoral promovido pela Editora Paulus, em setembro de 2018. Como o simpósio tinha como propósito a comemoração aos 50 anos de Caminhada da Igreja Latino-americana, fui incumbido de desenvolver uma reflexão sobre a relação entre a pessoa do Papa Francisco e a II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (Medellín). A Primeira Conferência Geral do Episcopado teve lugar no Rio de Janeiro, de 25 de julho a 4 de agosto de 1955. A Assembleia foi composta por representantes de 23 países, 60 províncias, 350 circunscrições eclesiais e 150 milhões de católicos. De caráter pré-conciliar, isto é, com uma preocupação pastoral eminentemente *ad intra*, tratou da escassez de vocações sacerdotais no continente. Não obstante o caráter autorreferencial dessa Conferência, seu ponto áureo foi a fundação do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM). Muito embora o tema do Simpósio de Teologia e Pastoral pareça excluir a Primeira Conferência, na verdade, ele quis salientar o traço comum das quatro conferências seguintes, que expressaram realmente um rosto eminentemente latino-americano, ao tratarem de preocupações que nascem dos representantes desse povo, e não das preocupações dos europeus. É disso que tratou o V Simpósio de Teologia e Pastoral no qual apresentei meu *workshop*.

Comemorando então os 50 anos de caminhada de uma Igreja com rosto verdadeiramente autóctone, cogitou-se preparar um grupo de trabalho que motivasse os participantes a pesquisar, ou mesmo conhecer, a real influência exercida por Medellín no pensamento do Papa Francisco. Para responder à empreitada, procurei estabelecer um método de pesquisa. O primeiro tópico deste artigo fala então da metodologia adotada, expõe os resultados e elabora algumas conclusões. De antemão, posso confessar minha frustração ao não ver o Documento de Medellín citado nos dois documentos mais importantes de Francisco, *Evangelii Gaudium* (2013) e *Laudato Si* (2015). Procurei estabelecer então outro caminho que se manteve igualmente infrutífero. Restou-me um terceiro. O segundo tópico trata justamente deste caminho: a Teologia do Povo como reflexão aplicada da *opção pelos pobres* (inaugurada por Medellín) em solo Argentino. O trabalho, então, aponta para as noções *Povo de Deus*, desenvolvida no Concílio, por meio da Constituição

Dogmática *Lumen Gentium*, e a opção pelos pobres como base à elaboração da *Teologíadel Pueblo* e, conseqüentemente, como um fluxo sanguíneo irrigando cada uma das páginas da *Evangelii Gaudium* e da *Laudato Si*. As páginas seguintes tratarão de explicitar as razões dessa afirmação.

Apresentação do método de abordagem da relação entre o Papa Francisco (1936) e Medellín (1968)

A primeira tentativa de abordagem do tema proposto consistiu em analisar o número de citações do Documento dall Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (DM) na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* na Carta Encíclica *Laudato Si*. Depois de um olhar minucioso pelas notas de rodapé, não foi encontrada nenhuma citação direta ou indireta. Assim, minha primeira tentativa se mostrou fracassada.

Após o resultado infrutífero da primeira abordagem, procurei aplicar outra estratégia, desta vez voltada para a averiguação do número de citações de Medellín e dos documentos referentes às demais Conferências Episcopais, no documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe (DAp), realizada em Aparecida, de 13 a 31 de maio de 2007. Como resultado, tivemos: 12 citações referentes ao Documento de Medellín em apenas 2 parágrafos: DAp, 178 (DM, 15 - concernentes às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) “que têm ajudado muitos de seus membros a formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários do Senhor, como testemunha a entrega generosa, até derramar sangue, de muitos de seus membros”. Porém, logo em seguida, o parágrafo cita o Documento da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (DP), realizada em Puebla (México), de 28 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979, para falar das “pequenas comunidades” que “permitiram ao povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao (*sic*) surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé dos adultos” (DP, 629); DAp, 396 (DM XIV, 1-11) para falar da “opção preferencial pelos pobres”, muito embora Medellín tenha falado somente de “opção pelos pobres”.

Ao averiguar as citações do DM no DAp, deparei-me com um rol maior de citações dos Documentos relativos à III e IV Conferências Gerais do Episcopado

Latino-americano, respectivamente: Documento de Puebla (DP) e Documento de São Domingos (DSD), e também do Discurso Inaugural do Papa Bento XVI (DI), proferido em 13 de maio de 2007. Dessa análise, pode deduzir: primeiro, salta aos olhos o número excessivo de citações referentes ao DI em relação ao número de páginas que ele contém (dezessete), e os seus respectivos parágrafos (seis, mais a conclusão). Por curiosidade, o DM tem XVI seções e 392 parágrafos. O DP tem cinco (V) partes e 1330 parágrafos. O DSD tem três (III) partes e 302 parágrafos. No entanto, DI é citado em muito mais parágrafos do que os outros documentos. E das citações referentes ao DI, os mais citados, e que são tomados como referência, são os DI 3 e 4. Eles falam da fé em Cristo, como mediador da mensagem, e do plano salvífico de Deus e da ação no mundo, mas sempre na forma de testemunho, dando pouca ênfase aos meios concretos de ação nas estruturas sociais e políticas. Quando o faz, é somente para alertar sobre os desvios que a ação e o engajamento políticos podem causar ao anúncio do Evangelho; segundo, é notório o mal-estar que causa a menção de Medellín junto aos membros da Cúria Romana e de parte mais conservadora do clero latino-americano. Quando a equipe redacional cita o DM, é somente para resgatar o papel das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) - DM, 15 e a Opção pelos pobres - DM, 1-11, referentes à pobreza na Igreja. Muito embora cite Medellín, o documento introduz na expressão “opção pelos pobres”, própria a essa Conferência, o advérbio “preferencialmente”, que fora acrescentado na Conferência de Puebla (1979).

Essa tentativa de obnubilar a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizada em Medellín (1968) se deve ao fato de ela ter sido o marco de um projeto original de Igreja voltado para os problemas latino-americanos e deter inaugurado uma reflexão teológica originalmente latino-americana (Teologia da Libertação). Os dados ora analisados nos levam a crer que a Comissão de Redação, presidida pelo então Cardeal Jorge Mario Bergoglio, futuro Papa Francisco¹, optou

¹ “O professor Guzman Carriquiry (1944), Vice-Presidente da Comissão Pontifícia para a América Latina, estava ao lado do então Cardeal de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio, quando em Aparecida (Brasil), dez anos atrás, foi realizada a V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. O futuro Papa era o presidente da Comissão de redação do “Documento Final” desse evento eclesial - do qual comemoramos o décimo aniversário nesses dias - que foi crucial tanto para a Igreja na América Latina como para a restante, cujos reflexos estão vivos no atual pontificado”. (CARRIQUIRY. Dez anos de Aparecida: Ali nasceu o pontificado de Bergoglio. Reportagem é publicada por *La Stampa - Vatican Insider*, em 30 mai. 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/568256-dez-anos-depois-de-aparecida-carriquiry-ali-nasceu-o-pontificado-de-bergoglio>>. Acesso em: 13.09.2018.

por uma estratégia de não enfrentamento, numa conjuntura avessa ao espírito de Medellín, ao citar, na maior parte das vezes, o DP como mediação entre dois polos (Medellín e Santo Domingo). É notório que a seção XIV da II Conferência (1968), que fala da Colegialidade, é neutralizada pela centralidade no Magistério Petrino (47 citações do DI em 41 parágrafos do DAp) e na ênfase dada ao Documento tutelado pela Cúria Romana, DSD². Somando os 41 parágrafos do DI mais os 13 do DSD, temos 65 parágrafos contra somente 2 do DM.

A Comissão, ao citar 50 vezes o DP, tentará estabelecer um percurso transversal para quebrar a polarização, a partir do qual serão abertas as portas para a aprovação do Documento da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe (DAp), recolocando na agenda da Igreja Católica latino-americana, ainda que timidamente, os temas da Opção Preferencial pelos Pobres; das CEBs e do Povo de Deus, por meio da chamada Piedade popular (DAp, 258-275), trabalhada pela *Teología del Pueblo*, corrente da Teologia da Libertação, desenvolvida na Argentina por pensadores como Lucio Gera (1924-2012), Rafael Tello (1923-2002) e Juan Carlos Scannone (1931). O tema da Colegialidade será retomado com ênfase por Jorge Mario Bergoglio -O Papa do fim do mundo, agora denominado Francisco-, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013) e na Carta Encíclica *Laudato Si* (2015). Assim, a tentativa de ver relacionado explicitamente o DAp ao DM também se mostrou fracassada.

Esse resultado me fez, então, seguir por outro caminho. Procurei, então, relacionar Pe. Jorge Mario Bergoglio à recepção de Medellín na Argentina, por meio das noções Povo de Deus e Opção pelos pobres, dando origem à *Teología del Pueblo*. Essa é a direção que tomei e que me permitirá traçar uma ponte entre o Papa Francisco e Medellín. Ela se mostrou bem mais frutífera.

² Assim diz D. Angélico Sândalo Bernardino (1933) num artigo de 1993 a respeito dos trabalhos em São Domingos: “Infelizmente, este “Documento de trabalho”: *Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã*, demorou muito para chegar aos bispos que iriam participar de Santo Domingo. Em alguns países, somente chegou poucos dias antes de 12 de outubro. Ainda assim, foi logo abandonado porque a coordenação dos trabalhos da IV Conferência colocou aos participantes dos trinta grupos temáticos que se formaram, quatro “ponências” (palestras) como ponto de referência a suas atividades” (SÂNDALO BERNARDINO, 1993).

Jorge Mario Bergoglio antes, durante e após Medellín

“Rasgo” biográfico de Jorge Mario Bergoglio

Antes de apresentar os dados históricos que nos permitam situar nosso querido Papa nos “*buenos aires*” de Medellín, gostaria de colocar a seguinte questão: “afinal, quem era o jesuíta Pe. Bergoglio antes de 1968 e o que foi feito dele depois dessa data?” Jorge Mario nasceu em uma família de origem italiana, no dia 17 de dezembro de 1936. Seus pais eram Mario Giuseppe Bergoglio (1908-1959) e Regina Sívori (1911-1981) que, depois do primogênito, tiveram ainda mais quatro filhos: Oscar, Marta, Alberto e Maria Elena (IVEREIGH, 2016, p. 29). Às vésperas de completar 17 anos, na Basílica de São José, “*Dios lo primereó*” em 21 de setembro de 1953 (IVEREIGH, 2016, p. 62). Era assim que gostava de falar a respeito de seu chamado à vida religiosa, que ocorreu na data em que se comemora na Argentina o Dia Nacional dos Estudantes. O futuro papa Francisco lançará mão dessa expressão na *Evangelii Gaudium* (24) para falar da “Igreja em Saída”, que deve tomar como exemplo a iniciativa divina da encarnação; de vir até nós; de se fazer “*primerear*”, como se diz na língua portenha. É a ação de Deus que vai ao encontro do ser humano para lhe revelar seu plano de amor!

Entrou no Seminário Diocesano de Buenos Aires em março de 1956, na idade de vinte anos. Em 1958, influenciado por seu reitor, que era da Companhia de Jesus, ingressou na ordem jesuíta. Fez os primeiros votos em 12 de março de 1960, tendo sido ordenado sacerdote em 13 de dezembro de 1969. Os votos perpétuos, ele os proferiu em 1973, ano em que foi nomeado mestre de noviços e, em seguida, provincial dos jesuítas até 1980. De 1980 a 1986, foi Reitor da Faculdade de Filosofia e Teologia de São Miguel. Em 1992, João Paulo II o nomeou bispo auxiliar de Buenos Aires; em 1997, bispo coadjutor da mesma cidade, e em 1998, arcebispo metropolitano. Foi criado Cardeal em 2001. Porém, o período que mais nos interessa são justamente os dois primeiros que antecederam sua ordenação presbiteral - época em que ocorreu a preparação e, depois, a realização da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Medellín (1968) - e os anos que a sucederam, até a sua nomeação como responsável pela Província Argentina dos jesuítas.

Contexto histórico da década de 60 e o acontecimento Medellín

Enquanto a II Conferência Episcopal Latino-americana (CELAM) era preparada, à luz do Concílio Vaticano II, o século XX registrava um dos seus mais importantes acontecimentos³: a revolução estudantil, irrompida, na França em maio de 1968. Descontentes com a disciplina rígida, os currículos escolares e a estrutura acadêmica conservadora, os estudantes aliaram seus protestos às manifestações trabalhistas contrárias à situação social e econômica do país e à política do General De Gaulle (1890-1970), desgastada pela guerra de independência da Argélia. No entanto, o que ali se passou não foi mais do que o efeito, a confluência de movimentos políticos envolvendo a juventude de diversas partes do mundo. Efetivamente, 1968 não foi um ano qualquer!

Desde 1965, a juventude americana se vira envolvida numa guerra sem sentido (contra o Vietnã), em que estavam em jogo não a soberania do território norte-americano, mas os interesses capitalistas da superpotência americana na região. Paralelamente à Guerra Vietnamita, na China Popular, fora desencadeada a Grande Revolução Cultural Proletária por Mao Tse-tung (1893-1976), ao convocar a juventude chinesa para uma série de grandes manifestações. Além da indignação geral provocada pela Guerra Vietnamita e o fascínio pelas multidões juvenis da Revolução Cultural chinesa, também pesou na explosão de 1968 a morte de Che Guevara (1928-1967) na Bolívia, ocorrida em outubro de 1967. Seu martírio pela causa revolucionária serviu para que muitos se inspirassem no seu sacrifício. O que se viu, depois desse fato, foram jovens de todas as partes, especialmente na Europa e na América Latina, procurando atender ao seu apelo para que se formassem em outros lugares do mundo “dois, três Vietnãs” contra o imperialismo americano e se lançassem na vida guerrilheira. Em 4 de abril de 1968, os negros norte-americanos, em luta contra o *apartheid*, perdiam seu líder maior, o pastor Martin Luther King (1929-1968), assassinado em Memphis. King inclinava-se contra a Guerra do Vietnã no momento em que foi baleado. Para ele, a luta dos povos do Terceiro Mundo assemelhava-se à

³ Segundo os filósofos franceses Michel Foucault (1926-1984) e Gilles Deleuze (1925-1995), “Os acontecimentos roçam a temporalidade e a subjetividade definidas. Por causa desse deslizar sobre a superfície das coisas e dos tempos determinados, efetivados pelos sujeitos determinantes, os acontecimentos são como o vapor... eles passam por cima de tudo (das coisas e dos sujeitos) e estão sempre prontos a se efetivar, mas não se reduzem ao que é efetivo. Transpassam tudo: o tempo e o espaço ocupados pelos corpos...” (OTTAVIANI, 2017, p. 26-27).

dos negros americanos contra a discriminação e o preconceito. Sua morte provocou uma violenta onda de protestos acompanhada de incêndios nos maiores bairros negros em centenas de cidades americanas.

Embora não se possa dizer que haja uma ligação direta entre a revolução provocada pelos estudantes na França e o movimento estudantil brasileiro, podemos afirmar que o que havia em comum entre eles eram o sentimento de opressão e a disposição em lutar por seus ideais. No Brasil, o movimento estudantil teve início com uma série de manifestações contra a opressão militar, em protesto pelo assassinato do estudante Edson Luiz de Lima Souto (1950-1968), ocorrido em 28 de março de 1968, no Rio de Janeiro. Diferentemente dos jovens franceses, que não tinham ligação com partidos políticos, estudantes brasileiros que encabeçavam tais manifestações eram, em sua maioria, dissidentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Nesse contexto, a repressão imposta pelos militares se intensificou e resultou em prisões, torturas, mortes e desaparecimentos de pessoas, culminando na promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5) e pondo fim à liberdade de expressão de quase uma geração.

No âmbito eclesial, apesar da efervescente aplicação do *aggiornamento* conciliar, proposto por João XXIII (1881-1963) e efetivado por Paulo VI (1897-1978), as ideias que emanavam da *Primavera de Praga* fizeram emergir, em meio à juventude católica, uma análise generalizada das opressões coletivas e dos códigos morais. Essas análises convergiram para uma contestação societária e eclesial, contrárias às concepções de cunho universal e integrista, gerando, por sua vez, um enrijecimento da resistência conservadora à abertura conciliar. No Brasil, sente-se cada vez mais uma tensão entre grupos que defendem os modelos tradicionais, liderados pela TFP (Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade), e aqueles que se sentem solidários às transformações e manifestações lideradas pelo movimento estudantil, como os frades dominicanos da rua Caiubi (FREI BETO, 1982).

Na Argentina, a década de sessenta foi marcada por um projeto desenvolvimentista que elevou o crescimento e o índice de desenvolvimento humano (IDH). Por outro lado, os movimentos sindicais tornavam-se cada vez mais fortes, reivindicando a partilha do “crescimento do bolo”, devido à política de exportações. O peronismo, ilegal e proscrito pelas autoridades depois do golpe militar e do exílio

do ex-presidente Juan Domingo Perón (1895-1974), em 16 de setembro de 1956, aliou-se aos socialistas, que cresciam e atraíam cada vez mais simpatizantes. Como alternativa ao modelo desenvolvimentista, emergia a ideia de um sistema de governo aos moldes de um socialismo de estilo cubano “que, segundo essa teoria, era capaz de proteger uma economia do desenvolvimento dos fortes ventos do capitalismo internacional, e de levar a cabo uma distribuição da riqueza em favor dos pobres” (IVEREIGH, 2015, p. 141). O pensamento de Eduardo Galeano (1940-2015), colocando à luz as veias abertas da América-Latina, procurava mostrar que, quanto mais estreitamente unidas ao capital estão as economias do Terceiro Mundo, mais empobrecidas se tornam. Segundo Austen Ivereigh (1966 -), “Juan Domingo Perón não tardou em captar a mudança de direção dos ventos políticos e, a partir de seu exílio na Espanha, reorientou seu movimento a uma forma de luta revolucionária anticolonialista” (2016, p. 142). Enquanto os socialistas se aliavam aos peronistas, um número cada vez maior de católicos se via seduzido pelo marxismo. O Manifesto dos Bispos do Terceiro Mundo⁴ - no qual um grupo de bispos em países em via de desenvolvimento chamava a Igreja a rechaçar a economia de mercado e descrevia a mão de obra assalariada como escravidão, e o socialismo como o amor cristão posto em prática - foi assumido pela Igreja Argentina e assinado por 320 sacerdotes, entre eles 9 jesuítas. Desse “fermento”, diz Ivereigh, surgiu o “Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo” (MSTM), que, no período áureo (princípios da década de 70), chegou a incorporar 10% do clero argentino (IVEREIGH, 2015, p. 142). O sacerdote Carlos Mugica (1930-1974), em sua obra *Peronismo e Cristianismo* (1973), dá o tom desse movimento ao escrever: “muitos de nós, sacerdotes, constatamos que estamos afastados do povo, e então assumimos essa decisão de buscar, [...] nossa realização “a partir do povo com o povo” (apud IVEREIGH, 2015, p. 142). Muito embora Carlos Mugica tenha levado jovens da classe média a conhecer as chamadas “Villas Miseria”, como são conhecidas as favelas na Argentina, não incentivou neles a violência e jamais os conduziu nos caminhos da luta armada. No entanto, muitos deles acabaram sendo conduzidos ao peronismo revolucionário. Ivereigh diz que isso se deu pela via da Teologia da Libertação.

⁴ Maria Cecília Domezi comenta o teor desse Manifesto, publicado em 15 de agosto de 1967 por dezessete bispos, liderados por D. Helder Câmara, sendo oito do Brasil. Nesse manifesto, os bispos fazem um contundente pronunciamento para que a Igreja se liberte concretamente do comprometimento do imperialismo do dinheiro. (DOMEZZI, 2014, Cap. III, p. 55).

Jorge Mario Bergoglio e sua relação com o Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo (MSTM), Medellín e a Teologia da Libertação

Segundo Austen Ivereigh, com a concepção cristã de libertação, entendida não só como libertação do pecado, mas também libertação das estruturas sociais pecaminosas, que mantêm a maioria da população na pobreza, os bispos reunidos em Medellín ampliaram a atuação da Igreja, até então restrita à sacristia e aos trabalhos assistenciais. É o próprio Bergoglio quem fala a respeito dela num interrogatório ocorrido em 2010:

A opção pelos pobres existe desde os primeiros séculos do Cristianismo. É o próprio Evangelho. Se hoje em dia eu lesse como sermão algum dos sermões dos primeiros Padres da Igreja, séculos II, III, sobre como há de se tratar os pobres, diriam que o meu seria maoísta ou trotskista. Sempre a Igreja teve como uma honra tratar dessa opção pelos pobres. Considerava os pobres o tesouro da Igreja. Quando por ocasião da perseguição ao Diácono Lourenço, que era o administrador da Diocese, lhe pedem que traga todos os tesouros da Igreja em tantos dias, ele aparece com um bando de pobres e lhes diz: “Estes são os tesouros da Igreja.” No Concílio Vaticano II se reformula a definição da Igreja como Povo de Deus e daí nasce, com muito mais força, o que caracterizará a II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín (apud IVEREIGH, 2016, p. 140)⁵.

Os bispos argentinos fizeram seu o programa de Medellín e o adaptaram à realidade argentina na Declaração de São Miguel, em 1969. Muito embora lastimassem a redução das vocações, o questionamento da autoridade e os crescentes protestos sociais, os bispos assumiram a direção assinalada por Medellín em relação à “opção pelos pobres”. Segundo Ivereigh, uma parte da Declaração de São Miguel, escrita por Lucio Gera, “foi a gênese de uma versão peculiarmente argentina da Teologia pós-Medellín que muito influenciou Bergoglio e a outros jesuítas de seu entorno” (apud IVEREIGH, 2016, p. 141). O documento rechaça o marxismo por considerá-lo distante “não só da visão cristã, como também do sentir

⁵ A construção da frase final é nossa, pois o texto original, citado em espanhol por Ivereigh, apresenta-se estranho até mesmo para os espanofones: “En el Concilio Vaticano II se reformula La definición de la Iglesia como Pueblo de Dios y de ahí nace com mucha (*sic*) más fuerza esto que em Latinoamérica **cobra entidade fuerteen** la II Conferencia General del Episcopado Latinoamericano en Medellín” (*Grifo meu*).

do nosso povo” (apud IVEREIGH, 2016, p. 141). O documento vê o povo como sujeito de sua própria história, e não tanto como classe comprometida com uma luta social contra as outras classes. Não obstante, um número expressivo de sacerdotes do MSTM foi mais atraído por outra versão da Teologia da Libertação.

Segundo o teólogo Juan Carlos Scannone (1931), nos anos que seguiram Medellín, desenvolveram-se quatro correntes da TdL (BIANCHI, 2016, p. 76):

- a) *Teologia a partir da práxis pastoral da Igreja.* (p. ex. D. Eduardo Francisco Pironio, Secretário Geral e Presidente do CELAM entre 1968 e 1975).
- b) *Teologia a partir da práxis de grupos revolucionários* (p. ex. Hugo Asmann).
- c) *Teologia a partir da práxis histórica* (p. ex. Gustavo Gutierrez e Leonardo Boff).
- d) *Teologia a partir da práxis dos povos latino-americanos* (p. ex. Lucio Gera e Rafael Tello).

Ainda que possa ser um tanto artificial, segundo Scannone, essa caracterização foi amplamente aceita e segue sendo útil até hoje, pois nos ajuda a perceber algumas linhas de força que subjazem nos distintos autores. Ao mesmo tempo, serve para interpretar a tensão que havia na Companhia de Jesus nos anos que seguiram Medellín.

Segundo os critérios de Scannone, José Comblin (1923-2011), teólogo e missionário belga radicado no Nordeste brasileiro desde 1965, poderia ser classificado como um dos representantes da terceira corrente da Teologia da Libertação, que, no final dos anos 60, encontrou, na dialética hegeliana e na análise marxista da exploração do capital, uma mediação para pensar as causas e as saídas para a injustiça social e a miséria que afetavam grande parte da sociedade latino-americana. Ele fora convidado por D. Helder Camara (1909-1999) a auxiliar na fundação do Instituto de Teologia do Recife (ITER), tornando-se um dos principais assessores do arcebispo. No primeiro semestre de 1968, com vistas a contribuir para concretização das grandes intuições do Concílio Vaticano II, D. Helder constituiu um grupo de assessores para subsidiá-lo nas discussões sobre o Documento preparatório à Conferência de Medellín. Segundo Mônica Muggler, biógrafa de José Comblin, o

teólogo belgo-brasileiro elaborou um texto intitulado *Notas sobre o Documento Básico para a 2ª Conferência Geral do CELAM*, que foi partilhado com D. Helder e os outros onze assessores (MUGGLER, 2013, p. 47). Um dentre eles, como Judas em meio a Jesus Cristo e os outros apóstolos, acabou repassando o texto ao vereador Wandenkolk Wanderley (1912-2002), do partido governista Aliança Renovadora Nacional (ARENA) (PILETTI & PRAXEDES, 2008, p. 292). As “Notas” acabaram sendo publicadas no *Diário de Pernambuco* e posteriormente no *Jornal do Brasil*. Segundo Muggler, o documento original, manuscrito e datilografado pelo próprio autor, difere da versão impressa no jornal pernambucano, o que faz supor que houve manipulação sensacionalista por parte da imprensa com a finalidade de atingir D. Helder (MUGGLER, 2013, p. 91). Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995), fundador da TFP, liderou uma campanha contra Comblin, distribuindo fartamente folhetos pedindo a expulsão do teólogo e o combate a uma corrente católica anticlerical e subversiva (MUGGLER, 2013, p. 92). O teólogo foi apresentado por outros jornais do país como eminência parda da Arquidiocese de Olinda e Recife e uma ameaça à Segurança Nacional. Depois de uma campanha na imprensa, que durou mais de três anos, o teólogo belga foi expulso do país, em 24 de março de 1972, em nome da Lei de Segurança Nacional (Ato Institucional n. 5, de 13 de dezembro de 1968).

Mas, o que havia de tão sério e subversivo nesse documento? Embora não tenhamos consultado o documento original, mas somente trechos publicados no *Diário de Pernambuco*, e por isso mesmo não podendo averiguar se realmente são palavras de Comblin ou alterações realizadas pela imprensa local, é sabido que D. Helder, depois de tê-lo lido, achou-o fortíssimo (SOUZA, 2018, p. 40). Primeiramente, Comblin faz uma releitura da realidade latino-americana, para conhecer a íntima ligação da Igreja com a história das Américas. Por ter adentrado o continente aliada às estruturas de opressão, é preciso que a Igreja rompa com esse passado, para ser efetivamente sinal de salvação para os povos ameríndios. E menciona as urgentes mudanças sociais e estruturais pelas quais deve passar a sociedade para sair dessa situação, tendo a Igreja o dever de abraçá-las.

Comblin, como tantos outros intelectuais de sua época, não viam outra referência para a libertação da exploração capitalista senão aqueles suscitados por Friedrich Engels (1820-1895) e Karl Marx (1818-1883) no manifesto comunista, de que era preciso traçar um caminho científico (concreto) para a tomada do poder pelos

proletários. Esse era o “*a priori* histórico” que sustentava um enfrentamento popular das forças repressoras, que defendiam um modelo econômico baseado na acumulação do capital. Segundo Marx e Engels, os burgueses não concederão de bom grado a participação no aumento de capital, retido na mão dos proprietários dos meios de produção. Somente a organização da classe operária e a tomada de poder pelos membros dessa mesma classe fariam com que a socialização, conquistada por meio da centralização de todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado (MARX; ENGELS, 1982, p. 36), se tornasse um fato ao devolver aos trabalhadores o lucro do trabalho excedente usurpado pelos capitalistas:

Isto naturalmente só poderá realizar-se, a princípio, por uma violação despótica do direito de propriedade e das relações de produção burguesas, isto é, pela aplicação de medidas que, do ponto de vista econômico, parecerão insuficientes e insustentáveis, mas que no desenrolar do movimento ultrapassarão a si mesmas e serão indispensáveis para transformar radicalmente todo o modo de produção (MARX; ENGELS, 1982, p. 36-37).

As “Notas” de Comblin, por um lado, aventam a possibilidade de que, em alguns países, elas ocorram dessa maneira. Segundo elas, as transformações sociais e econômicas não serão consolidadas no plano social e político sem um governo forte. É o que relata outra matéria, publicada um dia antes (11 set. 1968) no mesmo *Diário de Pernambuco*. Nela se lê: “O poder legítimo é a força a serviço da lei (da lei verdadeira e justa). Não basta fazer leis. É preciso impô-las pela força. Para a arrancada, o poder será autoritário e ditatorial. Não se pode fazer reformas radicais consultando a maioria, que a maioria prefere “sombra e água fresca”, prefere evitar problemas”. Em seguida, elenca uma série de medidas que se tornarão aos poucos flexíveis mediante a situação concreta.

Por outro lado, essas mesmas “Notas” afirmam que a luta pelas reformas estruturais podem se dar de outra maneira, caso contem com o apoio da Igreja para elucidar as massas empobrecidas. Cabe a essa última o papel profético. Para tanto, é preciso que se criem, em seu interior, estruturas mais flexíveis e itinerantes: centros de estudo, equipes missionárias, grupos de ação social ou política. As estruturas tradicionais (paróquias, dioceses, províncias, universidades católicas) são pesadas demais (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 12 jun. 1968) e a participação dos leigos ainda está no estágio de “voto”. É preciso fazer uma transferência de poder para os

leigos. O argumento de que eles ainda não estão preparados não se sustenta: “Como é que os leigos vão preparar-se para as responsabilidades a não ser exercendo-as?” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 12 jun. 1968). A igreja latino-americana se tornou dependente do capital estrangeiro, uma Igreja colonial que vive do dinheiro das outras igrejas: “é absurdo falar de Igreja pobre quando ela vive de dinheiro estrangeiro!” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 12 jun. 1968). Um gesto significativo seria a distribuição de bens eclesiais improdutivos (terras e edifícios subutilizados). Não seria caridade, mas uma restituição aos pobres do que lhes pertence *ex-justitia*.

Diversas correntes políticas europeias, surgidas na virada do século XIX, e latino-americanas (México e Cuba), no século XX, inspiradas em Marx e Engels, procuraram estabelecer, como o fez Comblin, linhas concretas de ação. Elas marcaram as grandes mudanças na geopolítica da primeira metade do século XX. Somente em 1968, após a repressão sobre a Primavera de Praga (21 de agosto), começaram a vir à luz a verdade sobre os *Gulags* soviéticos (campos de concentração na antiga União das Repúblicas Soviéticas - URSS). Comblin, quando escreveu o seu documento, estava marcado por uma visão de mundo compartilhada por muitos intelectuais de sua época, que lutavam contra toda espécie de exploração. Posteriormente, os intelectuais acrescentaram a esse princípio a luta contra toda forma de dominação, seja ela civil ou religiosa. Muitos deles, sem desconsiderar as análises marxistas da economia, passaram a ser críticos do modelo stalinista de dominação. Os últimos textos de Comblin, ao estudar a noção de liberdade em Jesus e em Paulo de Tarso, o atestam. Em *Liberdade Cristã*, ele afirma:

Jesus liberta do pecado de ódio ao inimigo e, por conseguinte, da necessidade de dominar. Ataca a dominação na sua raiz individual e social. Mostra, ao mesmo tempo, a amplitude real da dominação e a razão do seu perpétuo ressurgimento, apesar da destruição das estruturas opressivas. A mesma necessidade de defesa contra os novos inimigos e a segurança das novas estruturas obrigam a restabelecer um novo sistema de dominação (COMBLIN, 2010, p. 115-116).

O próximo tópico procurará mostrar as linhas de ação e reflexão que surgirão a partir de Medellín e que certamente influenciaram o pensamento do Papa Francisco.

Jorge Mario Bergoglio e a Teologia do Povo no contexto de Medellín

Em 1972, Bergoglio foi nomeado consultor, um dos cinco jesuítas encarregados de assessorar o provincial Ricardo Dick O'Farrel (?), a quem nosso futuro papa substituiria depois de um episódio que estremeceu a província argentina - ela se viu metida numa crise de identidade e isso a tornou cada vez mais dividida. As reformas progressistas levadas a cabo por O'Farrel colocaram em evidência divisões entre os jesuítas argentinos sobre o modo de aplicar a renovação preconizada depois da XXXI Congregação Geral dos Jesuítas. O Padre Orlando Yorio (1932-2000), em carta de 24 de novembro de 1977, recorda “ter assistido a muitas reuniões provinciais entre 1969-1972, “durante as quais apareciam importantes problemas insolúveis derivados de posições e expectativas opostas umas às outras” (apud IVEREIGH, p. 155). O'Farrel havia autorizado Orlando Yorio e Franz Jalics (1927) a viverem uma nova experiência de comunidade de “inserção” no bairro de Ituzaingó, inicialmente com seis alunos de teologia. Dessa experiência - associada a outras de cunho distinto da orientação tradicional do Colégio Máximo, onde estudavam os seminaristas, e da Universidade do Salvador, dos jesuítas -, surge uma fusão dos estudos de filosofia e teologia, batizada de *curriculum*, e que “se orientava fortemente pela sociologia e pela dialética hegeliana, e suprimia o período dos estudos de humanidades do juniorato, por considerá-lo burguês. Os numerosos críticos de Yorio -entre os quais estava Bergoglio -viam nessa reforma não um regresso às fontes ignacianas, mas um assalto ideológico das mesmas” (apud IVEREIGH, p. 157).

Yorio e Jalics serão posteriormente presos pelas forças do Exército, em nome dos popularmente chamados “decretos de aniquilamento”, promulgados por Isabel Perón (1931), segunda esposa de Juan Perón e na época Presidente da Argentina. Para deter as forças de guerrilha dos Montoneros e do ERP (*Ejercito Revolucionario del Pueblo*), “Isabelita” baixou, em 06 de outubro de 1975, uma série de decretos de “Segurança Nacional”. Por meio deles, ela dava carta branca aos militares para neutralizar ou aniquilar o acionar dos insurgentes. Na época, Yorio e Jalics foram denunciados, presos e torturados. Bergoglio era o Provinciale Yorio afirmava que ele sabia que tanto Jalics quanto ele próprio corriam risco de morte e que seu superior nada havia feito para liberá-los. Ao contrário, fora ele que entregara aos “marinos” uma lista constando o nome dos dois. Austen Ivereigh escreverá, em sua biografia

sobre o Papa Francisco, umas cinquenta páginas para elucidar a questão e isentar Bergoglio de toda culpa sobre esse caso. Saverio Gatena (1958), jornalista italiano, nos transcreve a fala do prêmio Nobel da Paz Alfonso Pérez Esquivel (1931), em entrevista à televisão inglesa BBC: “Há bispos que foram cúmplices da ditadura, mas Bergoglio não”. Cita também as palavras de Franz Jalics em declaração pública:

Estou reconciliado com aqueles eventos e para mim aquele acontecimento está encerrado. Depois da nossa libertação deixei a Argentina. Somente anos após tivemos a possibilidade de falar daqueles acontecimentos com o Padre Bergoglio, que nesse ínterim havia sido nomeado arcebispo de Buenos Aires. Depois daquele colóquio celebramos juntos uma missa pública e nos abraçamos solenemente (GAETA, 2013, p. 18).

Apresentamos esses elementos para contextualizar as tensões entre as diferentes correntes da Teologia da Libertação, os pressupostos da *Teología del Pueblo*; a relação desta última com Bergoglio e, conseqüentemente, de Bergoglio com Medellín. A tensão se dá, sobretudo, no corte epistemológico da *Teología del Pueblo*, pautada sobre a noção de cultura cristã entre os povos latino-americanos (cristianismo popular) e o papel dos pobres como sujeitos de sua própria libertação. Ela se opõe, como vimos, a outra corrente presente no Movimento dos Sacerdotes Para o Terceiro Mundo (MSTM), pautada no instrumental marxista de libertação. Para Rafael Tello, Lucio Gera e Juan Carlos Scannone, a *Teología del Pueblo* se caracteriza pela crença de que os pobres devem poder tomar decisões de avançar nos processos, organizar-se a si mesmos e formar sua própria instituição. Lucio Gera foi seu pioneiro. Segundo ele, essa teologia parte da cultura e da religiosidade do povo e toma a noção “Povo” do ponto de vista bíblico: a maioria depreciada e marginalizada que anseia pela justiça e pela paz. *El Pueblo* é um agente ativo da história. Esta posição difere tanto dos liberais quanto dos marxistas que o tomam como uma massa que precisa ser conscientizada. O povo possui sua racionalidade própria, diz Gera. Nesse sentido, o papel dos teólogos não deve ser o de impor categorias, mas o de interpretar o projeto do povo à luz da história da salvação.

Esta posição vai ao encontro daquela defendida pelo filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), que havia entrado no Partido Comunista Francês, abandonando-o depois. Pouco a pouco, sobretudo depois de 1968, Foucault foi-se afastando de outros intelectuais de sua época que comungavam com as orientações

do Partido. Na entrevista, intitulada “Verdade e Poder”, concedida à Revista l’Arc, n. 70, de 1977, ele diz:

[...] me pergunto se não havia por parte dos intelectuais do P.C.F [Partido Comunista Francês], ou dos que lhe estavam próximos, uma recusa em colocar o problema da reclusão, da utilização política da psiquiatria ou, de forma mais geral, do esquadramento disciplinar da sociedade. Sem dúvida, por volta de 55-60, poucos tinham conhecimento da amplitude real do *Gulag*, mas creio que muitos a pressentiam, muitos tinham a sensação de que estas coisas melhor era não falar: zona perigosa, sinal vermelho. É claro que é difícil avaliar retrospectivamente o seu grau de consciência. Mas de qualquer forma vocês bem sabem com que facilidade a direção do Partido, que não ignorava nada, podia lançar palavras de ordem, impedir que se falasse disto ou daquilo, desqualificar os que falavam...” (FOUCAULT, 2010, p. 3).

E em numa conversa com Gilles Deleuze (1925-1995), intitulada o “Os intelectuais e o Poder”, de 1972, Foucault comenta:

Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores de censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. Os próprios intelectuais fazem parte desse sistema de poder, a ideia de que eles são agentes da “consciência” e do discurso também faz parte do sistema. O papel do intelectual não é mais o de colocar “um pouco na frente ou um pouco de lado” para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência”, do discurso. (FOUCAULT, 2010, p. 71).

A Teologia de Gera, Scannone e Tello desconfia não só das elites ilustradas, que interpretavam a história por meio do prisma de suas ideologias, como também de toda forma de elitismo, seja ele liberal, socialista ou mesmo clerical. Tanto Gera quanto Tello viam na intenção de uma elite - de arrogar-se o poder de determinar como o Povo devia pensar ou atuar - a negação do carisma profético que o povo cristão tem em virtude de seu pertencimento a Cristo. Penso ser essa uma das razões que levou a Congregação da Doutrina da Fé a silenciar Tello e a suspender sua licença de ensinar teologia por quase vinte anos. O teólogo argentino critica tanto a cultura

moderna quanto a cultura eclesial, posto que essas culturas nunca chegaram a abarcar dentro delas a maioria de latino-americanos (BIANCHI, 2016, p. 90). A cultura popular é a única que realmente formou povos cristãos, que guardam os valores evangélicos no seio de sua cultura e os passam de geração em geração. É uma cultura que procurou integrar-se à cultura dominante e como meio de resistir ao dominador. Ela procura viver o que julga essencial do Cristianismo, adaptando-o de diferentes maneiras. Para o teólogo estudioso de São Tomás de Aquino (1225-1274), se a cultura eclesial nega o mundo e a cultura moderna, a transcendência, a cultura popular deseja viver os valores evangélicos não em outro mundo, mas neste, sobre o qual estão os nossos pés (BIANCHI, 2016, p. 102).

Ao ir pela primeira vez à Faculdade de Teologia enquanto arcebispo, por ocasião do lançamento do livro sobre Rafael Tello em 05 de outubro de 2012, o Cardeal Bergoglio recorda as virtudes do teólogo e seu amor à Igreja, apesar de suas críticas dirigidas a ela em nome da opção evangélica pelos pobres, e confessa ter tido um verdadeiro gozo interior ao ter concedido o ato de reparação a Tello e ter-lhe restituído as licenças ministeriais que lhe foram retiradas. Trata-se de:

Um ato de justiça em memória de uma pessoa “admirável, um homem de Deus, enviado a abrir caminhos. Ninguém que abre caminhos fica sem cicatrizes em seu corpo. Tello teve suas dificuldades, Tello teve suas feridas, porém as deixou cicatrizar por sua mãe, a Igreja. Como todo profeta, foi incompreendido por muitos em seu tempo. Suspeitado, caluniado, castigado, deixado de lado, não escapou ao destino da cruz com que Deus assinala os grandes homens da Igreja (BERGOGLIO apud BIANCHI, 2016, p. 20).

E mais à frente, pronuncia:

Foram tempos difíceis os que lhe tocou viver. As agitações dos anos setenta constituíram uma verdadeira prova de fogo para os agentes pastorais que trabalhavam nos setores populares. Em tão delicado contexto, Tello buscou fielmente caminhos para a libertação integral de nosso povo levando até o fim a novidade evangélica sem cair em reducionismos das ideologias. Não o envolvem, não o compreendem, nem as condenações nem as suspeitas que lhe dirigiram em nome das duas Instruções sobre a Teologia da Libertação da Congregação para a Doutrina da Fé (BERGOGLIO apud BIANCHI, 2016, p. 21).

Por fim, saúda o Pe. Enrico Ciro Bianchi e o parabeniza por ter elaborado um trabalho que resgata a memória do Pe. Tello, sintetizando em sua própria vida as três qualidades que Bianchi possui: a de teólogo, de filho da Igreja e de Pastor.

Conclusão

Neste pequeno percurso, procuramos mostrar a relação intrínseca entre a II Conferência Geral do Episcopado do Continente Latino-americano, realizada em Medellín, e o Papa Francisco. Muito embora as citações aos seus 392 parágrafos não tenham sido feitas à medida desse grande acontecimento (OTTAVIANI, 2017, p. 24-29), o espírito dessa Conferência certamente corre no sangue de Bergoglio e impregna todos os seus escritos. A opção pelos pobres- inaugurada por Medellín e que marcou a reflexão teológica genuinamente latino-americana-irriga cada uma das páginas da *Evangelii Gaudium*, atravessa a Encíclica *Laudato Si* com sua noção de ecologia integrale exprime aquilo que Bergoglio procurou fazer ao longo de toda sua vida ministerial. “Escreve com sangue”, diz Nietzsche, “e aprenderás que o sangue é Espírito”, pois “aquele que escreve em sangue e em máximas não quer ser lido, mas aprendido de cor” (2007, p. 66). “Igreja em Saída” (EG,20), “Igreja como Hospital de Campanha” (SPADARO, 2013), “Cultura do Encontro”(EG, 220)e outras figuras de linguagem pronunciadas e aplicadas por Francisco, tanto na Ilha de Lampedusa como no Brasil (2013), mostram que a alegria do Evangelho não quer ser somente lida, mas decorada. Medellín, por meio das Comunidades Eclesiais de Base que ajudou a criar, pelas Pastorais Sociais que soube animar, e pelas vitórias que ajudou o povo pobre a conquistar, convida-nos a testemunhar o modo latino-americano de anunciar a Boa Nova aos pobres, que o Documento de Aparecida, com a ajuda de Bergoglio, procurou resgatar!

Referências

BIANCHI, Enrique Ciro. *Pobres en este mundo, ricos en la Fe: la fe de los pobres de América según Rafael Tello*. 2. ed ampliada y actualizada. Buenos Aires: Agape, 2016.

COMBLIN, José. Vaticano II. Cinquenta anos depois. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 283, p. 629-641, julho de 2011.

COMBLIN, José. *Liberdade Cristã*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.

DOCUMENTO DE SAN MIGUEL: declaração do Episcopado Argentino Sobre a adaptação a realidade atual do país, de suas conclusões de la II Conferencia General del Episcopado Latinoamericano (Medellín). Disponível em: <<http://www.familiasecnacional.org.ar/wp-content/uploads/2017/08/1969-ConclusionesMedellin.pdf>>. Acesso em: 19 de setembro de 2018.

DOCUMENTOS DO CELAM (RJ, MD, PB, SD). São Paulo: Paulus, 2005.

DOMEZZI, Maria Cecília. O Concílio Vaticano II e os Pobres. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Marco Conciliar).

FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder (1972). In: *Microfísica do Poder*. 28. reimp. Organização, Introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2010. p. 69-78.

FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder (1977). In: *Microfísica do Poder*. 28 reimp. Organização, Introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2010. p. 1-14.

FREI BETO. *Batismo de Sangue*. São Paulo: Paulinas, 1982.

GAETA, Saverio. *Papa Francisco: a vida e os Desafios*. Tradução Padre José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2013.

IVEREIGH, Austen. *El Gran Reformador : Francisco, retrato de un Papa Radical*. Tercera reimpresión. Traducción de Juanjo Estrella. B Colombia: s.l., 2016.

MARX & ENGELS. *Manifesto Comunista*. 4. Ed. Tradução e Revisão Maria Arsênio da Silva. São Paulo: Ched, 1982.

MUGGLER, Monica Maria. *Padre José Comblin: uma vida guiada pelo Espírito*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. 16 ed. Tradução de Mario da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

OTTAVIANI, Edelcio. Construção Histórica de Medellín. In: CNBB. *Liturgia e Profecia*. Brasília: CNBB, 2017, p. 19-41.

PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

PAPA FRANCISCO. *Laudato Si*. Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: 2015.

PILETES, Nelson & PRAXEDES, Walter. *Dom Helder Camara: o profeta da paz*. São Paulo: Contexto, 2008.

SÂNDALO BERNARDINO, Angélico. Santo Domingo: Um pouco de história e coração na caminhada. *Vida Pastoral*, p. 2-6, mai./jun. 1993. Disponível em:

<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/documentos-e-concilios/santo-domingo-um-pouco-de-historia-e-coracao-na-caminhada/>. Acesso em: 13 set. 2018.

SOUZA, Alzirinha Rocha de. De Recife à Medellín: aspectos históricos e pastorais. *Rever*. São Paulo, v. 18, n. 2, p. 35-45, mai/ago 2018.

SPADARO, Antonio. *Procuremos ser uma Igreja que encontra caminhos novos*: Entrevista com o Papa Francisco. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/523920-procuremos-ser-uma-igreja-que-encontra-caminhos-novos-entrevista-com-o-papa-francisco>>. Acesso em: 13.09.2018.

SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii Gaudium*. 50 palavras-chave para uma leitura pastoral. São Paulo: Paulus, 2015.

Arquivos e Jornais

INSTITUTO DOM HELDER CAMARA (IDHEC). Recife.

JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife.

Trabalho submetido em 30/09/2018.

Aceito em 29/10/2018.

Edelcio Serafim Ottaviani

Pós-doutorado em Filosofia pela PUCSP. Doutorado em Filosofia pela Université Catholique de Louvain (1996). Professor no Programa de Estudos Pós-graduados em Teologia da PUCSP. Reitor do Centro Universitário Assunção - UNIFAI. E-mail: eottaviani@pucsp.br